

**SER INTÉRPRETE E NEGRO NO BRASIL E NA VENEZUELA:
ENTREVISTA COM AMAURY WILLIAMS DE CASTRO***Luciana Carvalho[†]

RESUMO: Como é ser intérprete e negro no Brasil e na Venezuela? Nesta entrevista, Amaury Williams de Castro revela preciosidades de sua carreira como intérprete de conferências. Ele nos conta como começou a trabalhar na área, ao lado de nada menos que sua *mãe*, professora de tradução e interpretação da *Universidad Central de Venezuela* (UCV). Tendo nascido em São Paulo e sido criado em alguns países hispano-americanos, Amaury nos oferece uma rica perspectiva sobre como é ser intérprete e *negro* no Brasil e em outros países da América Latina. Nesse sentido, o relato de Amaury nos conduz a diversas reflexões sobre a profissão. Reflexões essas que intérpretes não-negros raramente alcançam, seja por nunca terem vivido situações semelhantes, seja por não terem consciência da complexidade envolvida em ser um profissional negro em ambientes quase que exclusivos para brancos, como são os hotéis de luxo, nos quais a maioria dos eventos e conferências é realizada. O relato de Amaury nos informa, nos inquieta e nos transforma.

PALAVRAS-CHAVE: interpretação de conferências, Brasil, Venezuela, intérprete, raça, racismo.

ABSTRACT: What is it like to be a black interpreter in Brazil and in Venezuela? In this interview, Amaury Williams de Castro talks about how he became a conference interpreter. He had a unique start in the area by working alongside his mother, a professor of translation and interpretation at the *Universidad Central de Venezuela* (UCV). Having been born in São Paulo and raised in a number Spanish-speaking countries, Amaury provides us with a rich perspective on what it is like to be an interpreter and a black person in Brazil and in other Latin American countries. Thus, Amaury's account leads us to several reflections about the profession, reflections that non-black interpreters rarely achieve either because they have never experienced similar situations or because they are not aware of the complexity involved in being a black professional in almost all-white spaces, such as are the luxury hotels in which most of the events and conferences are held. Amaury's account will inform, trouble, and transform us.

KEYWORDS: conference interpreting, Brazil, Venezuela, interpreter, race, racism.

* Meus agradecimentos às alunas Amanda Bittencourt e Isabela Martins do Bacharelado em Tradução da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) pela transcrição da entrevista.

[†] Professora doutora do Departamento de Inglês e do Curso Sequencial de Formação de Intérpretes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e professora orientador pleno do programa de pós-graduação em Tradução da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (TRADUSP). luciana.carvalho@tradjuris.com.br

Introdução

Por ocasião deste número especial da *Translatio*, cujo tema é Tradução e Diáspora Negra, os organizadores me sugeriram que realizasse uma entrevista com um intérprete negro. Tendo em vista minha atuação como intérprete e meu interesse por questões de gênero, as quais nunca podem ser tratadas dissociadas das questões de raça, aceitei prontamente.

O colega de profissão entrevistado foi Amaury Williams de Castro. Nosso encontro foi na Livraria Cultura da Avenida Paulista e durou intensas três horas, durante as quais Amaury traçou um panorama sobre a formação de intérpretes na Venezuela e todo o contexto educacional daquele país, sua trajetória profissional e vivência pessoal relativas às questões que inspiram este volume.

Amaury também revela preciosidades de sua carreira como intérprete. Ele nos conta como começou a trabalhar na área, ao lado de nada menos que sua *mãe*. Professora de tradução e interpretação da *Universidad Central de Venezuela* (UCV) e ex-funcionária da embaixada brasileira em Caracas, Cleusa de Castro Williams, ficava muito à vontade de formar seu filho *on the fly* e lhe dar broncas se precisasse em plena cabine de interpretação!

Formado em Estudos Internacionais com Especialização em Relações Internacionais Contemporâneas (Diplomacia) pela UCV, Amaury é membro da Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (APIC), tradutor e intérprete simultâneo desde 1988 na combinação linguística espanhol e português. Tendo nascido em São Paulo e sido criado em alguns países hispano-americanos, Amaury, que possui nacionalidade brasileira e venezuelana, nos traz, além dos aspectos da construção de sua carreira como intérprete de conferência, uma rica perspectiva sobre o que é ser intérprete e *negro* no Brasil e em outros países da América Latina.

Nesse sentido, o relato de Amaury nos conduz a diversas reflexões sobre a profissão que intérpretes não-negros não alcançam, seja por nunca terem vivido situações

semelhantes, seja por não terem consciência da complexidade envolvida em ser um profissional negro em ambientes quase que exclusivos para brancos, como são os hotéis de luxo, nos quais a maioria dos eventos e conferências é realizada. O relato de Amaury nos informa, nos inquieta e nos transforma.

Como sabemos, as disparidades raciais entre negros e não-negros no Brasil estão refletidas nas taxas de: expectativa de vida, mortalidade infantil, mortalidade materna, homicídios, violência urbana, acesso à habitação, consumo de bens duráveis, inclusão digital etc. Não há aspecto de nossa sociedade em que as diferenças socioeconômicas entre negros e não-negros não sejam sentidas e em que as condições da população afrodescendente não seja inferior. Segundo o IBGE, os brancos ganham, em média, duas vezes mais do que os não-brancos (IBGE, 2010).

Afrodescendentes brasileiros famosos denunciam que a segregação racial de fato existente no Brasil é comparável ao regime de *apartheid* sul-africano e que existem dois Brasis: um das áreas exclusivas para brancos, representada pelos hotéis de luxo – *habitat natural dos intérpretes de conferência* – e outro das favelas e ruas, onde habita a população negra (HERNÁNDEZ, 2017, p. 85).

O racismo velado no Brasil dá origem a distorções como, por exemplo, o resultado de uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Popular (IDP), segundo a qual 92% dos brasileiros acreditam que há racismo no país, mas somente 1,3% se consideram racistas (POMPEU, 2014). Em outras palavras, 92% provavelmente não acreditam que exista de fato uma democracia racial, mas tampouco são capazes de enxergar o racismo em si mesmos.

A ideia de que o Brasil é uma democracia racial decorre de um discurso estrategicamente construído para fins hegemônicos, fazendo com que o Brasil permaneça em um estado que Hernández (2017) chama de *inocência racial*, ou seja, por se considerar ‘racialmente inocente’ – como reflete a pesquisa supracitada – o Brasil se considera isento de abordar a questão racial de forma explícita.

Nesse sentido, por razões históricas e pela ausência de políticas de afirmação e reparação, a população de afrodescendentes no Brasil é impedida de alcançar a visibilidade, encontra dificuldades em construir e consolidar sua identidade, permanecendo oprimida, vulnerável, socioeconomicamente prejudicada e espacialmente segregada. Consequentemente, a população de afrodescendentes é sub-representada nas universidades e, em decorrência, nas profissões de maior escolaridade, em cargos altos, em posições políticas, na televisão e também em *hotéis* e shopping centers. Na interpretação de conferência, não é diferente.

Trabalho como intérprete faz quase vinte anos. Nesse período todo, fui companheira de cabine de apenas uma colega que se autodeclara negra. Também sou professora de interpretação e, ao longo de toda minha carreira, não devo ter tido dez alunos negros. Atualmente, tenho uma turma com duas mulheres negras. Em quinze anos, é a primeira vez que isso acontece. Portanto, nem é preciso dizer que para realizar esta entrevista foi um desafio encontrar colegas que, além de se autodeclarem negros, estivessem dispostos a conceder uma entrevista sobre o tema relacionado à profissão. Gostaria de expressar minha gratidão e afirmar a honra e o privilégio que senti ao entrevistar Amaury Williams de Castro.

Por fim, após ler o que Amaury tem a dizer e de conhecer os desafios e preconceitos sofridos por nossos colegas intérpretes afrodescendentes, o leitor perceberá que não nos é possível *des-conhecer*. Já não somos – nós, intérpretes de conferência – *racialmente inocentes*.

Entrevista

Luciana Carvalho Fonseca (LCF): Muitas pessoas dizem que a interpretação não é uma profissão de escolha, mas uma profissão que nos escolhe. Como você se tornou intérprete?

Amaury Williams de Castro (AWC): Eu fiz o curso de Relações Internacionais e Diplomacia na *Universidad Central de Venezuela* (UCV), apesar de a UCV ter sido a primeira e única universidade no continente americano a ter um curso de bacharelado em línguas com interpretação simultânea, criado na década de 70. Um bacharelado de cinco anos, sendo que nos três primeiros os alunos eram obrigados a estudar, no mínimo, duas ou três línguas. Duas estrangeiras além do espanhol. Era obrigatório mesmo, não havia outra opção. Após o terceiro ano, o aluno escolhia se ia fazer interpretação simultânea e tradução, tradução e magistério ou magistério e pesquisa. Logicamente, quase ninguém pegava interpretação simultânea, porque, quando chegavam a uma cabine, percebiam o real desafio de interpretar simultaneamente. Sem falar da consecutiva, que os alunos pensavam que seria mais fácil e não é, não é mesmo?

LCF: Não mesmo. Por essa e outras razões, os cursos de formação de intérprete despertam muito interesse por parte dos pesquisadores e professores que leem a *Translatio*. Você poderia falar um pouco mais sobre esse bacharelado? Quais eram as línguas oferecidas? Havia português?

AWC: Os alunos podiam optar entre francês, italiano, russo, inglês, alemão e português. Havia cátedras de cada uma das línguas e, quando foram abrir para o português, houve uma situação um pouco delicada, pois a UCV entrou em contato direto com o governo do Brasil para apoiar a abertura dessa cátedra. Minha mãe, que trabalhava na embaixada do Brasil, acabou sendo chamada pela UCV para se encarregar da Cátedra de Português. Porém, o governo brasileiro não demonstrou o menor interesse em mandar professor brasileiro para trabalhar na UCV e abriram para a embaixada a possibilidade de que brasileiros que já moravam na Venezuela ocupassem a vaga.

LCF: Tendo em vista a falta de interesse do governo brasileiro, como então se deu a abertura da cátedra de português na *Universidad Central de Venezuela*?

AWC: Como o Brasil não demonstrou interesse, apesar de ter fronteira com a Venezuela, fazendo todo sentido que o português ensinado fosse o brasileiro, a UCV contatou a embaixada de Portugal. Em menos de um mês, Portugal instalou não apenas uma Cátedra,

mas todo um escritório de apoio. Portugal enviava professores do Instituto Camões de Portugal para a Venezuela para darem as aulas de português e essas primeiras turmas, conforme iam se formando, enviavam os melhores alunos com uma bolsa de estudo para passar um ano em Portugal.

LCF: Então o português falado pelos intérpretes venezuelanos era o de Portugal?

ACW: Sim. O português foi incluído só na década de 80 pelo governo de Portugal. O Brasil, só depois de muitos anos, já quase em 2000, achou que fazia sentido oferecer português brasileiro, pois todos os intérpretes nos eventos internacionais da região falavam português com sotaque de Portugal. Então era até engraçado os latino-americanos falando *aquele* português. Por outro lado, a Venezuela é um dos países que, antes da entrada do Hugo Chávez, tinha a segunda maior população portuguesa do mundo, de imigrantes portugueses, principalmente da Ilha da Madeira.

A maioria desses alunos era filha de portugueses e acharam o máximo poderem falar o português correto já que os pais não falavam, pois emigraram para a Venezuela com escolaridade de segunda série, no máximo. Consequentemente, não falavam o português corretamente e ainda tiveram que enfrentar o espanhol. Acabavam falando portunhol.

LCF: E filhos de imigrantes com baixa escolaridade tinham acesso ao bacharelado da UCV?

ACW: Sim e era muito interessante que a princípio eram esses os alunos de português. A Venezuela é um país que, vou dizer *era*, que passou por uma mudança muito drástica. Mas, naquela época, era um país – provavelmente o único no continente – que tinha uma maior mobilidade social. Qualquer filho da Dona Maria, empregada doméstica com 10 filhos, um de cada pai, conseguia colocar, pelo menos, 6 filhos em uma universidade com status da USP. E todos tendo prestado e sido aprovados no equivalente ao vestibular. Ela matriculava todos na escola pública e, da escola pública, eles conseguiam prestar o exame para uma USP da vida, que, no caso, seria a UCV ou outras universidades públicas. Essas universidades são ótimas.

A UCV estava listada no livro da UNESCO, em terceiro lugar da América Latina. Em primeiro, a USP e em segundo, a *Universidad Autónoma de México*, juntamente com outra universidade argentina, não me lembro se a de Buenos Aires. E, como eu disse, em terceiro estava a da UCV com uma, duas ou três a mais, eu acho que eram colombianas. Uma delas a *Universidad Javeriana de Bogota*, que é de tirar o chapéu até hoje. Então, era assim: mesmo sendo pessoas de baixos recursos econômicos, conseguiam ir para a faculdade e fazer carreiras em medicina, engenharia, carreiras consideradas caras. A de Estudos Internacionais, que foi o que eu estudei, ou Diplomacia, também era cara.

LCF: E os outros grupos de imigrantes? Conseguiam o mesmo acesso à educação?

ACW: A educação pública de qualidade fazia com que todas as raças na Venezuela tivessem oportunidades. E essas raças são a indígena, local, e a negra, trazida no mesmo processo de escravatura do Brasil.

LCF: Mas não em uma proporção tão grande quanto para o Brasil, não é? E quais eram os outros grupos populacionais na Venezuela?

ACW: Não. A Venezuela é um país pequeno, tem mais ou menos o tamanho de Minas Gerais. A proporção de negros que chegou foi muito grande, mas claro que me refiro em termos proporcionais à população. Até hoje o país possui uma grande população negra e, obviamente, os espanhóis, portugueses, italianos foram chegando já após a independência. Emigraram também os árabes, os turcos e chineses. Por outro lado, até hoje não temos uma população japonesa na Venezuela. Há também uma população do Caribe, logicamente, os cubanos, as pessoas da República Dominicana, Aruba, Curaçao, Bonaire, Trinidad e Tobago, que eram ilhas que pertenciam à Venezuela e que depois foram tomadas pela Inglaterra. Havia também colombianos, equatorianos e peruanos. Esses eram os únicos da cordilheira andina. Na Venezuela, não se via bolivianos, por exemplo. Chilenos chegaram apenas com a ditadura de Pinochet e conforme acabou a ditadura também saíram. Nem voltaram, foram para os Estados Unidos [risos]. Então, a Venezuela não tinha um grande problema racial em relação às carreiras universitárias.

LCF: Interessante.

ACW: O venezuelano também sempre gostou de estudar línguas, porque Miami fica a duas horas e meia de voo de Caracas. Uma passagem para Miami nunca custou mais do que duzentos dólares, ida e volta. A mobilidade social permitia que uma empregada doméstica pudesse juntar seu dinheirinho durante o ano e depois passar duas semanas nos Estados Unidos, pagando hotel, comida e levava no bolso em torno de dois mil, três mil dólares para ela gastar. Então, é muito comum você encontrar, hoje, uma ex-empregada doméstica que tenha 60, 70 anos de idade e ela vai te falar sobre Nova York. Vai te falar das ruas e vai te falar das grandes lojas. Ela provavelmente começou indo como babá e, de repente, ela deixou de trabalhar naquela casa, mas pegou o gosto e percebeu que não era tão caro.

LCF: E o impacto dessa mobilidade geográfica e social certamente tinha efeito nos filhos dessa mulher.

AWC: Sim, ela tinha essas condições e os filhos também pegavam gosto e percebiam que, para poder viajar, era necessário falar outra língua. Então, a Venezuela é um país onde as pessoas gostam de estudar línguas. Estudar inglês é básico.

LCF: E outros idiomas? E o português?

AWC: Com a chegada das novelas brasileiras na década de 70, chamou muita atenção o português. Apesar de as novelas serem dubladas, as músicas eram em português. As pessoas começaram a conhecer a MPB, Ivan Lins, Chico Buarque de Holanda, Maria Bethânia. Inspirados pela música e pela vontade de entender o que estavam cantando, os venezuelanos iam para o Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil, do qual a minha mãe foi diretora. Fazia-se um ano de estudo de Língua Portuguesa e, ao longo do curso, vários alunos, que estavam finalizando o segundo grau, tinham a possibilidade de, por meio de um convênio cultural, entre Brasil e Venezuela – aliás, o convênio era entre o Brasil e todos os países da América Latina, estudar aqui. Essa é uma das razões porque

não dava para entender o porquê de o governo do Brasil não ter mostrado interesse na cátedra de língua portuguesa na UCV.

LCF: Certamente sua mãe teve uma influência ou inspiração na sua carreira de intérprete. Você poderia falar sobre o trabalho da sua mãe? Qual o nome da sua mãe?

ACW: Seu nome é Cleusa de Castro Williams. Além de fundadora e diretora do Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Caracas, foi professora da UCV de Interpretação Simultânea, Interpretação Consecutiva e Tradução Especializada de português.

LCF: Então você é filho de peixe! E como era o trabalho de intérpretes de português na Venezuela? Você começou a trabalhar lá?

ACW: A escassez de intérpretes de português, mesmo porque até então não existia a Língua Portuguesa como matéria dentro da carreira, gerou uma situação na qual só existiam três intérpretes de Português – entre eles a minha mãe. Aliás, três. Houve um grande evento no qual me lançaram. Antes, eu falava português que nem marinheiro: falava, falava, falava, mas não escrevia. Resultado, minha mãe me obrigou a fazer um curso de português para eu aprender a escrever. Em seguida, comecei a fazer traduções para o Sistema Econômico Latino Americano (SELA), cuja sede era em Caracas. Nesse grande evento, houve a necessidade de intérpretes de português. Fui então intimado pela minha mãe [risos] a ser intérprete. Ela, sentada do meu lado. E até hoje interpretamos juntos.

Quando comecei, era ela que me corrigia, me ajudava, dava todas as dicas. De vez em quando, eu também apanhava na cabine quando cometia erros desnecessários que ela já havia corrigido [risos].

LCF: Que experiência singular! Mas em casa, só retomando, em casa você disse que falava português. Com quem?

ACW: Com a minha mãe e com meu pai [Pedro Williams Greene]. Apesar de meu pai ser venezuelano, ele estudou aqui no Brasil mais de dez anos. Ele estudou medicina na USP, se formou nos anos 60. Depois ele fez a pós-graduação em cardiologia. Meu pai tem 82 anos e minha mãe, 80. E só ela que é intérprete e ela deu aula na Universidade Central da Venezuela até novembro do ano passado. Agora, meus pais estão morando aqui no Brasil.

LCF: Sua mãe é um tesouro. Será que ela ainda teria interesse em dar aula?

ACW: Acredito que não [risos]. Ela me disse que iria curtir a cidade, seu país mesmo. Mas eu a intimei, porque logo que ela chegou havia um evento e minhas colegas, que já conhecem toda a minha história falaram que minha mãe tinha que ir. Nessa ocasião, ela trabalhou comigo e depois disse que faria interpretação três, quatro vezes por ano para não perder o pique. Ela é ótima. Ótima intérprete, realmente.

LCF: Ambos, você e sua mãe, trabalham na combinação espanhol e português? Você fala ou interpreta também em outras línguas?

ACW: Estudei na Inglaterra. Mas, como tenho extremo respeito pelas línguas e pelos meus colegas falantes de inglês, apesar de falar, prefiro não trabalhar com o inglês, por saber que a qualidade nunca vai ser a mesma. Agora, eu acho um desrespeito com meus colegas fazer isso, assim como acho desrespeitosa a atitude de que todo intérprete brasileiro *sabe* espanhol.

LCF: Tendo morado em vários países que falam espanhol e sendo nativo, a dimensão que você tem dessa atitude é ainda mais rica, não é?

ACW: No meu caso, eu sou considerado nativo porque de fato em espanhol eu não tenho sotaque. E ainda posso, no caso, caso necessário, interpretar o sotaque, por exemplo, da Espanha, do México, do Cone Sul, principalmente, do *Estuário de la Plata*, né, do Caribe, da Venezuela, de Cuba e da Colômbia. O espanhol, além de ser uma língua muito rica,

está representado em uma produção cinematográfica, musical e de novela em todo o grupo de países hispano-americanos.

Se você está, por exemplo, em qualquer país hispano-americano, você vai assistir a filmes da Colômbia, do Peru, da Espanha, do México. Desde criança, você começa a acostumar o ouvido não apenas aos sotaques, mas às palavras.

LCF: Tendo trabalhado como tradutor e intérprete na Venezuela, como foi a sua chegada no Brasil? Como você entrou para a Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (APIC)?

ACW: A minha chegada aqui foi muito fácil. Não apenas pelo fato de ser brasileiro, mas porque eu já era membro da *Asociación Venezolana de Intérpretes de Conferencia* (AVINC). Vários de meus colegas da AVINC também eram da Associação Internacional de Intérpretes e Conferência (AIIC), portanto, quando me mudei, meus colegas venezuelanos se comunicaram com seus respectivos colegas no Brasil dizendo que estavam me *perdendo* e me apresentando.

Quando eu cheguei, fui muito bem recebido pelo pessoal da APIC que era meu grande contato. Entrei na APIC imediatamente e era chamado para eventos e tudo mais. Como sabemos, as associações de intérpretes nada mais são do que isso, uma associação de intérpretes. Elas não são *head hunters*. Então, não são obrigadas a te chamarem, né? Você tem que fazer o teu caminho. Os intérpretes novatos cometem um erro ao pensar: “Ah, eu entrei em tal associação, mas eles não me chamam”. Mas os associados não têm o dever de te chamar. Você entrou porque isso te oferece uma credencial, que corresponde a “Olha, essa pessoa é boa porque faz parte dessa associação”.

LCF: Nós marcamos essa conversa para falar também de sua experiência como intérprete profissional e negro no Brasil. Quais foram suas experiências nesse sentido? Você deve ter uma visão interessante da questão racial no Brasil por tudo aquilo que você já falou da Venezuela e também por você ter morado em muitos países.

ACW: De fato, já aconteceram situações que eu não posso esquecer até hoje, porque... é interessante o que ocorre, pois como já morei em vários países tenho uma perspectiva bem ampla. Já morei na Venezuela, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no México. E é muito duro quando você mora em países que não têm, por exemplo, uma grande população negra ou que essa população negra não tem maiores oportunidades, e você não sofreu racismo nesses países.

E, em seguida, você chega e volta ao Brasil que é um país que tem a maior população negra depois da África e você não entende. Você não entende as situações em que pessoas com traços indígenas, mistura de português, de espanhol e tal, se veem como arianas. E, portanto, se sentem no direito de pisotear. É muito duro.

Eu tive um evento, vou lembrar dele perfeitamente, porque eu acabava de chegar de trabalhar na Suíça em uma exposição mundial de joias na Basileia. Peguei o avião na Basileia para Londres, fiz conexão e cheguei cinco horas da madrugada em Guarulhos. Às sete e meia da manhã, eu já estava em um dos grandes hotéis de São Paulo para fazer interpretação simultânea.

A interpretação era às oito e, lógico, eu com medo de chegar tarde, cheguei com mala e tudo às sete horas da manhã. Uma moça que era organizadora do evento, quando me viu entrando, simplesmente me atravessou na porta, me olhou de cima pra baixo e falou: “Pois não?”. Eu respondi: “Ah, bom dia eu vou trabalhar nesse evento, nessa sala.”. “Como assim trabalhar? Este aqui é um evento particular.”. Eu respondi: “Pois é, eu sou um dos intérpretes simultâneos, eu sou um dos intérpretes de espanhol”. Ela deu um passo pra trás, me olhou de cima pra baixo e disse assim: “Intérprete?! Você?!”.

LCF: E quais foram os desdobramentos dessa situação de nítido preconceito racial? Você ou algum colega seu respondeu de alguma forma?

ACW: Ela não teve outra alternativa senão me liberar a entrada. Só que aquilo foi consumindo a moça durante todo o dia e ela entrava a cada vinte minutos e olhava pra

cabine. Foi bem desagradável. No dia seguinte, e eram quatro dias de evento, um pouco antes do intervalo eu saí da sala e perguntei para uma funcionária do mesmo hotel onde era o café para eu ir comprar um café. A moça, que estava próxima de nós, ouviu a minha pergunta e disse que o *coffee break* não iria sair ainda e que se eu fosse beber café, seria depois de que todos os convidados bebessem.

Eu falei: “Acho que não me expliquei. Eu estou procurando o café do hotel para eu ir e comprar o meu café”. Depois que ela percebeu a gafe cometida, já era muito tarde. Fui beber meu café e quando eu voltei, ela já tinha falado com a coordenadora dos intérpretes que ela não queria que eu estivesse mais no evento. Então, eu fui expulso do evento no segundo dia.

Já na tradução, isso não vai acontecer, porque a tradução hoje é contratada pela internet e por telefone.

LCF: Em outros países que você trabalhou como intérprete você nunca passou por isso?

ACW: Em outros países, eu jamais passei por esse tipo de situação. Nem na Inglaterra, nem nos Estados Unidos. É muito difícil, pois quando você para e reflete, você percebe que é justamente aqui, no Brasil.

Outro fator que não está relacionado à cor da pele é o sotaque. Durante toda a minha vida, fui o homem mais brasileiro do mundo, porque eu não morava aqui. E aí quando eu voltei definitivamente para morar, eu descobri que eu não era brasileiro. Conforme eu ia abrindo a boca as pessoas perguntavam da onde eu era. Cheguei a ouvir frases dantescas e tristes. Uma vez, em um táxi indo para um evento, o taxista me ouviu falar pelo celular. Falei em espanhol e depois eu tive que falar em inglês com outra pessoa e ele falou assim: “Bom, está na cara que o senhor não é brasileiro, né?”. Antes de eu interrompê-lo para falar que era sim, ele completou: “É, porque negro brasileiro não presta. E o senhor é um doutor.”.

LCF: Imagino que seu sotaque cause certa dissonância cognitiva nos brasileiros.

ACW: Estando no Brasil, passei a perceber uma série de detalhes. Percebi, por exemplo, que, se eu quero sair para comprar uma roupa social, eu tenho que me vestir socialmente para entrar nessa determinada loja para, no mínimo, não ser perseguido. Já entro e começo a falar e começo a falar até para tranquilizar as pessoas. Como falo com sotaque, viro *gringo*, e *gringo* é dólar, então não vão achar que vou roubar. É muito duro.

Hoje, eu dou graças a Deus de que eu não tenho filhos, porque não gostaria que fossem criados aqui sob essas condições. Como é que eu ia explicar pra eles aquilo que eu te falei? O país que tem a maior população negra no mundo depois da África e é racista? É racista.

LCF: **Você falou de seu trabalho em São Paulo. Você passou por situações semelhantes em outras cidades?**

ACW: A interpretação simultânea, quando fora da cidade de São Paulo, percebi que tem muito menos pressão a nível racial. Muito menos pressão. No interior de São Paulo, no Rio de Janeiro. Eu, assim, eu adoro trabalhar no Rio de Janeiro, provavelmente por isso. Nos outros estados do país, é muito agradável.

LCF: **Na questão do Brasil, a que você atribui aqui o preconceito ser maior do que nos outros países que você mencionou?**

ACW: O caso do Brasil possui raízes profundas. Fui professor de história nas Relações Internacionais aí tive que estudar muito sobre a questão. O tráfico dos escravos para o Brasil foi o mais sangüinário. Ocorreram situações horríveis já no transporte. A Inglaterra já tinha acabado com o comércio de escravos, que passaram a proibir. Os ingleses confiscavam os navios que estavam trazendo negros para o Brasil. Quando o navio estava prestes a ser capturado, o capitão preferia perder a carga, porque era isso que o negro era naquela época. E perder a carga era perder a carga viva, jogando no fundo do mar. Quando você escuta esse tipo de coisa, é chocante, né? As coisas que aconteceram aqui no Brasil foram muito mais violentas. Muito mais sangüinárias.

Quando chegaram aqui os escravos de várias regiões da África, foi muito duro porque eles não podiam nem se comunicar entre eles. Em seguida, eram vendidos. E nem todos tinham o mesmo preço. Por exemplo, nos países hispânicos, havia os negros Mandingas, que eram muito altos, quase dois metros, às vezes ultrapassavam dois metros, fortes demais. Eles não eram usados para a lavoura, eles eram sementais. Um negro desses valia em torno de mil dólares, mil dólares e mil setecentos. Além dos sementais, você tinha o negro da casa, o negro da casa normalmente era filho do senhor.

Este tinha a pele mais clara pela mestiçagem, mas também pelo fato de passar o dia inteiro dentro da casa. Mesmo dois filhos do mesmo dono, se um estivesse na lavoura e o outro não, um seria muito mais escuro do que o outro. Com base na cor, o negro da casa tinha um valor mais alto. Quer dizer, normalmente o que tinha valor mais baixo era o da lavoura. E ele era mais *descartável*. Isso já criou, dentro da própria população negra, um sentimento de que os negros mais claros eram melhores que os mais escuros, porque o valor dos primeiros era maior.

A pele, por ser mais clara, representava que tinha uma mistura com o branco. Daí veio o terrível termo *mulato*, que nada mais é do que mula. E esse processo todo foi muito violento e por que existe racismo no Brasil até hoje? Bom, porque a abolição foi em 1888. Foi ontem.

LCF: Você é associado da APIC. Há outros intérpretes negros?

ACW: No geral, não, até onde eu saiba. Eu acho que conheço mais dois colegas negros, mas eles têm a pele bem clara.

LCF: Você saberia dizer se esses colegas se autodeclararam negros?

ACW: Acho que sim, mas não tenho certeza. Essa é uma situação complexa no Brasil.

LCF: No seu caso, sua ascendência negra é paterna e materna?

ACW: Principalmente de pai. Meu avô era da chamada Guiana Inglesa e morreram britânicos e faziam alarde de que tinham passaporte britânico. A minha avó era da ilha de Barbados, nas Antilhas, e eu me lembro que a minha vó achava terrível o inglês dos Estados Unidos e ela fazia questão de falar ou de dizer que ela falava *the queen's English*. Então, eu cresci numa casa onde a minha avó me levava para a Igreja anglicana, onde o serviço era em inglês, e, na época, eu não falava inglês, mas tive que aprender porque a bíblia estava em inglês. Era também uma época na qual os avós podiam bater nos netos, motivo pelo qual acabamos todos fazendo faculdade.

Mas minha ascendência é negra tanto do lado da minha mãe quanto do lado do meu pai. E por nos considerarmos negros havia piadas tão suportáveis dentro da família como: “tira tua cara negra de dentro da minha cozinha”, da qual todo mundo vai rir, porque não é em tom de agressão. Uma coisa que eu também percebi aqui no Brasil é que a palavra *negro* já é uma agressão.

Nos países hispânicos, na própria Argentina, onde não há uma grande população negra, e nos países hispânicos em geral, imagine uma família. Vamos supor, pai e mãe holandeses, todos são claros. Mas tem um filho com o cabelo escuro. Esse filho será chamado de *negro* e pronto. Ele pode ter olhos azuis, mas ele é chamado de *negro*.

Já com o próprio negro, eles vão te chamar negro também, mas de um modo diferente. Em Cuba, por exemplo, na Venezuela e na Colômbia, sou chamado de *el negro Amaury*. Quando se referem a mim, podem dizer: “Eu estava na casa de *el negro Amaury*”. Com meu pai, nos ambientes formais ele é Doutor Williams, mas entre as amizades, *el negro Williams*. Eu mesmo, ao telefone, falaria “*Hola, aqui que fala é el negro Amaury*”.

LCF: Nos círculos em que você cresceu, se formou e viveu, havia outros negros? Imagino que no universo da diplomacia você não tenha conhecido muitos afrodescendentes.

ACW: No curso de Diplomacia que fiz, não havia. Já nas demais carreiras da UCV, sim. Em Medicina, em Direito nem se fale. Quando eu estudava na Inglaterra, tinha colegas venezuelanos também e havia poucos negros. Mas, pensando bem, eu acho que eu não ficava procurando, pois você não busca as pessoas por cor de pele, você busca o coração, o intelecto.

LCF: E no âmbito familiar? Você e sua família sofreram experiências racistas que você gostaria de compartilhar?

ACW: Minha mãe se refere a si como negra, mas aqui no Brasil, as pessoas, quando me veem com ela na rua – nós nos divertimos muito com isso, tendem a achar que, por ela ser mais velha que eu, ela é uma *velha ordinária* que está bancando o *negão*. Pensam: “Mas que negão safado, se aproveitando da coitada da velha”.

Minha mãe viveu muitas situações quando eu e meus dois irmãos eram crianças. Nós três somos negros e estávamos num parque em Caracas. Ela tava sentada lendo um livro e nós, brincando. Passou o carrinho de sorvete e eu fui até ela e disse: “Mãe, me compra um sorvete?”. Havia uma senhora, de cerca de 65, toda religiosa, cheia do terço na mão e tudo mais, que olhou pra minha mãe e disse: “Mãe? Não filha, pelo amor de Deus, você sabe que você morreu, vai direto pro céu. Porque Deus está vendo essa obra de caridade que você está fazendo, imagine, cuidar de pretinhos, e três...”.

LCF: Você se recorda dessa experiência? O que experiências como essa despertam em você?

ACW: Nesse caso, minha mãe conta que os olhos da senhora encheram-se de lágrimas e que ela percebeu que a senhora estava tão emocionada, mandando tantas vibrações

positivas que ela preferiu não retrucar. Minha mãe riu e essa história ela conta e reconta. É uma das nossas anedotas divertidas.

Porém, há situações que chocam de verdade. Como aquele caso do hotel que eu falei antes. Houve uma outra situação, a mais recente. Foi duro. Eu estava viajando de Lima pra o Brasil e fui embarcar. Todo mundo já estava fazendo fila e cheguei no balcão para fazer uma pergunta para a moça. Mencionei que já tinha trabalhado na British Airways e ela me disse: “Ah, colega, fica por aqui mesmo”. Na hora do embarque, embarquei na frente. Havia um grupo de brasileiros que estava viajando pelo Peru, faziam parte do Lions Club. Estávamos todos viajando na classe executiva e acabou sendo muito desagradável, pois a primeira coisa que eu ouvi veio do senhor que se sentou do meu lado. Eles eram de Curitiba, era um homem que obviamente era caucasiano. Ele ficou um bom tempo olhando para os lados para ver se de fato ele teria que sentar ali, eu estava na janela e ele não tinha outra alternativa. Ele ficava no corredor, olhou para o comissário, acho que ele não teve coragem de falar nada e se sentou. Mas toda postura dele conseguiu me intimidar.

Pensei que isso nunca fosse me acontecer, que pudessem chegar a me intimidar. Mas, aquilo me intimidou. Eu me senti muito pequeno. Depois de sentado, ele ficou muito duro e então colocou o braço e deixou bem claro que não era para eu encostar o braço ali. Em seguida, ele abriu o livro dele.

O chefe da tripulação, que já sabia que eu tinha trabalhado na British, falou comigo em espanhol na hora do serviço de bordo. Logo depois, se dirigiu ao senhor na mesma língua, e ele não entendeu. Eu, ingenuamente, fui procurar ajudar e disse “Ele está perguntando isso, isso e isso”. O cara olhou pra mim e disse: “Eu entendi claramente”.

LCF: Claramente... que não.

ACW: Pensei comigo: “Eu não vou viajar três horas e meia com isso”. E falei: “Não, não entendeu, porque a sua resposta foi totalmente absurda em relação ao que o comissário lhe perguntou. Na verdade, eu peço desculpas por eu ter me metido nesse assunto, mas o

senhor está incomodando o comissário, que já foi colega meu, porque eu já fui tripulante. O senhor está atrapalhando o trabalho dele, pois ele tem que atender mais passageiros. Ele não pode passar a noite toda aqui esperando o senhor entender o que ele está falando”.

Depois de eu ter reagido, não se passou mais nada com ele e senti que esfriou a situação. Mas, eu também ia te contar outra coisa. Do grupo dele, depois que ele se sentou, chegaram os outros membros do grupo falando assim: “Olha só, e ainda sentado aqui na frente, tá se achando todo, todo, esse aí”.

LCF: Para você ouvir?

ACW: Sim, muito alto pra eu ouvir. Isso acontece muito. Eu já ouvi de colegas intérpretes quando se comenta que alguém vai embarcar no aeroporto de Congonhas, dizer que Congonhas deixou de ser aeroporto e virou um terminal de ônibus, uma rodoviária.

Só que esse discurso, pelo que eu percebi, está mais voltado para o povo Nordestino do que para o negro. Porque o negro ainda não é o que mais viaja de avião. Não é um problema de raça. Eu acho que é um problema basicamente econômico e geográfico também.

Por exemplo, quando digo: “Não, porque nós os negros”, muitas pessoas falam: “Não, imagina, como que você se chama assim? Você não é negro, você é moreno!”. E então, eu percebo que para ela eu sou moreno porque ela sabe que eu viajo. Logo, a relação de negro, na verdade, tem tudo a ver com pobreza, marginalidade. Conforme esses elementos vão se afastando e a pessoa vai tendo mais recursos, as outras pessoas te veem mais branco. Na verdade, ela não está conseguindo te enxergar como negro. Ela está te vendo como uma pessoa *morena*.

LCF: Eu uso um livro com meus alunos do curso de Letras da PUCSP que se chama “Whistling Vivaldi: how stereotypes affect us and what we can do” do psicólogo americano negro, Calude M. Steel. Ele é também professor universitário e, além de apresentar fundamentos científicos da questão racial e das consequências nefastas

dos estereótipos, ele também fala da experiência pessoal dele. Um episódio de vida que me chamou muita atenção foi quando ele, criança, nos Estados Unidos, se descobriu negro. Foi quando ele percebeu que não podia frequentar as piscinas públicas em qualquer dia da semana, ou seja, que havia um dia certo pra ele ir pra piscina pública. Era quarta-feira. Às quartas, os negros podiam ir na piscina pública. Ele tinha seis anos ou sete anos. Já, na minha vida, eu morei em Bracknell, na Inglaterra, dos 8 aos 12. Um certo dia, eu devia ter uns 9 anos, uma criança inglesa que queria o meu balanço, quando percebeu que eu não iria ceder, me chamou de paki. Eu não sabia o que era e quando cheguei em casa, perguntei a minha mãe, que me explicou que era paquistanês. Eu nem sabia onde era o Paquistão, mas comecei a observar os paquistaneses e notei que a pele deles era mais escura que a minha e tomei consciência de que a minha pele era mais escura que a dos ingleses, para quem eu não era branca. Aos nove anos, caí em mim e percebi que não sou branca e também não sou negra.

ACW: Isso é muito interessante, pois no Brasil você é considerada branca. A minha mãe é considerada loira.

LCF: Pois é. E como foi para você?

ACW: No meu caso, demorou muito mais. Eu não tinha percebido como seria maravilhoso se morrêssemos sem perceber. Eu fui perceber por causa dos vizinhos que moravam dois ou três quarteirões de casa. Foi na Venezuela. Lembro que a senhora era viúva e dois dos filhos dela estudavam comigo e brincávamos no meu prédio. Era um prédio com jardins e tinha uma área maravilhosa. Mas um dia, fui brincar na casa deles, que era uma casa mais simples com um pequeno jardim.

Quando chegou a mãe, eu tava brincando e eu senti um clima estranho, pois ela chamou o filho e o filho veio me dizer que iam jantar. Eu percebi que estava muito cedo para jantar, mas peguei minha bicicleta para ir embora. A mãe dele saiu correndo atrás de mim e falou assim: “Aonde você acha que está levando a bicicleta do meu filho?”. A minha bicicleta era idêntica a dele, então, eu respondi: “Não, essa bicicleta é minha”. Ela

continua: “Tá vendo, você está me chamando de mentirosa, está vendo porque que vocês não podem...”. Foi pela bronca que ela depois deu nos filhos que eu percebi que tinha alguma coisa comigo que não estava fluindo com ela.

Fiquei muito chocado, muito triste. Mas até aquele dia, eu não percebia que era isso. E quando cheguei em casa, eu me lembro de nem ter contado para minha mãe, porque, às vezes, a gente tinha medo de contar por medo de apanhar. Mas depois comentei com amigos e um adolescente disse: “Ela é conhecida. Ela não gosta de negros”.

LCF: Esse adolescente nomeou a situação.

ACW: Exato. Quando ele falou: “Não gosta de negro, porque ela é racista”, eu fiquei pensando sobre a palavra *racista*, que eu provavelmente já tinha ouvido, mas que, até então, nada tinha a ver comigo.

Então esse momento eu acho que não é o *pior* dos momentos, esse é um *grande* momento quando você se depara com essa realidade. O problema é que a partir dali, você acaba de me falar, é quando a gente começa a se testar e a ver o mundo ao redor. O mundo que até então era livre.

A partir daí, comecei a ler os olhares e a perceber porque, em determinados locais, eu não me sentia à vontade. Compreendi: “Ah, então era isso”.

Bibliografia

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>> Recuperado em: 8 de maio de 2017.

Hernández, Tanya Katerí. *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeyro e a nova Resposta dos Direitos Civis*. Tradução: Arivaldo Santos de Souza e Luciana Carvalho Fonseca. Salvador: EDUFBA, 2017.

Medeiros, Étore & Pompeu, Ana. *Correio Braziliense*. Brasileiros acham que há racismo, mas somente 1,3% se consideram racista. 25 de março de 2014. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2014/03/25/internas_polbraeco,419288/brasil-acham-que-ha-racismo-mas-somente-1-3-se-consideram-racistas.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2014/03/25/internas_polbraeco,419288/brasil/2014/03/25/internas_polbraeco,419288/brasil-acham-que-ha-racismo-mas-somente-1-3-se-consideram-racistas.shtml)> Recuperado em: 8 de maio de 2017.

Steele, Claude M. *Whistling Vivaldi: how stereotypes affect us and what we can do*. New York&London: W.W. Norton & Company, 2010.